

As células esgotadas,
Em ansias de dor e morte,
Requerem alguma cousa
Que as ajude e reconforte.

Eis que surge o banho amigo,
Com recursos sempre iguais,
A água caricosa
Tem carinhos maternais.

Depois dele o alívio santo,
A benção ditosa e pura,
A paz regeneradora
Ao corpo da criatura.

Assim tambem, nossas almas,
Em serviços contra o mal,
Nunca podem prescindir
Do banho espiritual.

Luta a luta, dia a dia,
Levemos o coração
A's aguas do Pensamento
Para o banho na Oração.

O PÃO

Em casa, chega o momento
Destinado a refeição...
Raro aquele que recorda
A história de luz do pão.

Quase sempre, vem de longe,
Das zonas do campo em flor,
Oferecer-se á criatura
Em nome do Pai de Amor.

Foi semente sepultada
Na terra ferida e escura,
Ressuscitando em seguida
Nas belezas da verdura.

Suportou lutas amargas,
Noites ásperas, sombrias,
Recebendo chuva e sól,
Tempestades, ventanías.

Adornou-se em primavera,
Risonha, sublime, eleita,
E entregou-se alegremente
Ao segador na colheita.

Padeceu processos vários,
Viveu peregrinações,
Desde a ceifa rude e longa,
Ao prato das refeições.

Conforme reconhecemos,
Esse pão quase sem nome,
E' dádiva do Criador,
Que vem mitigar a fome.

Mensageiro humilde e santo
De carinho e de bondade,
E' o laço entre a Providencia
E a nossa necessidade.

O amor e a abnegação
Resumem-lhe a bela história;
O espirito de serviço
E' a vida de sua glória.

*
Coração que sofre amando
Na fé sublime e sem jaça,
Vai ser pão na Mesa Augusta
Dos Bens da Divina Graça.

O P R A T O

Dentre as cousas mais singelas
Do lar carinhoso e grato,
E' justo reconhecer
A doce lição do prato.

Esperando calmamente
Comensais, em torno á mesa,
Exemplifica, bondoso,
A ternura e a gentileza.

Primoroso companheiro
De humildade e da atenção,
Por servir a quem tem fome
Aguarda o partir do pão.

Satisfaz a toda gente,
Sem sombra de vaidade,
Não olha conveniencia,
Atende a necessidade.

Por vezes, o comensal
A quem o vinho estimula,
Entrega-se á embriaguez,
A licença, ao crime, á gula.